

3 - Ingresso na vida adulta

Johann Jakob Jenny, amigo de infância de Schuon de Basileia, lembra-se de duas viagens que fez para Mulhouse, em 1922 e 1923, para visitá-lo.

Mesmo sendo um jovem de apenas 15 anos, ele estava lendo muita filosofia, e ele falava do que lia. Aos 15 anos de idade, quando o visitei em Mulhouse, seu senso religioso era claramente muito elevado. E ao visitá-lo quando ele tinha 16 anos fiquei impressionado com o poder de sua mente e de seu espírito. (...) Mas ele não tentaria me influenciar quando eu ainda estava indo à igreja — eu estava recebendo a confirmação. Ele me disse: "Não quero influenciá-lo. Gostaria que você vivesse em paz." É claro que eu sabia que o caminho dele não era o caminho da Igreja. Ele já estava voltado para a filosofia e a ciência oriental."¹

Schuon deixou a escola aos 16 anos para se tornar financeiramente independente como designer têxtil — uma profissão que exigia muito pouco de sua energia e portanto lhe permitia continuar seu estudo autodidata de textos sagrados.² Nos anos seguintes, seus mestres foram as escrituras de todas as grandes religiões e os escritos dos maiores santos. Platão e Mestre Eckhart causaram uma grande impressão no jovem Schuon, mas, sem dúvida, a *Bhagavad Gîtâ* era sua leitura preferida.³ "Por cerca de dez anos eu estive totalmente encantado pelo Hinduísmo, sem, contudo, poder ser um hindu no sentido literal.⁴ (...) Eu não vivia outra religião que não a do *Vedânta* e da *Bhagavad Gîtâ*; esta foi minha primeira experiência da *religio perennis*."⁵ Em seu diário, ele escreveu: "Para mim, a ascese mais proveitosa e mais bem fundamentada nestes dias de intenso sofrimento é o trabalho mental sério e difícil: eu reflito sob todos os aspectos sobre os mais profundos ditos de Shankarâchârya e me familiarizo completamente com os mais importantes filósofos europeus. Acima de tudo, são as perspectivas ilimitadas do *Uttara Mîmânsâ* que me animam profundamente e me fazem muito feliz."⁶

A independência que acaba de conseguir lhe permite viajar. "No plano humano, uma experiência de Schuon que lhe trouxe um grande senso de liberdade", escreve William Stoddart, "foi sua primeira visita a Paris, em 1923, quando tinha 16 anos. Ela lhe permitiu

¹ Entrevista em vídeo com Johann Jakob Jenny de 1992.

² Numa entrevista filmada em 1991, um jornalista disse a Schuon: "Impressiona-me continuamente seu êxito e as obras que o senhor escreveu sem ter recebido praticamente uma educação formal". Schuon respondeu: "Eu tive uma educação formal, mas por mim mesmo."

³ Isto se torna evidente nos muitos poemas didáticos que fazem referência à *Bhagavad Gîtâ*. Entre eles estão: *Songs without Names*, Sixth Collection, LIII, 123, *Songs without Names*, Sixth Collection, CLX, 306, *Songs without Names*, Ninth Collection, LIII, 123, *World Wheel*, First Collection, LII, 18, *World Wheel*, Third Collection, IX, 105, e *World Wheel*, Sixth Collection, LXVI, 109.

⁴ Em regra geral, não é possível para os não-hindus converterem-se a uma forma tradicional de Hinduísmo, porque cada casta tem um *dharma* diferente, e por isso prescrições e proibições diferentes.

⁵ Carta a Leo Schaya, 11 de agosto de 1982, citada em *Frithjof Schuon: Life and Teachings*, 10. Schuon mais tarde escreveu: "Minha pátria é a Índia; porque já em minha juventude / Deixei-me penetrar pelas palavras do Veda. / Só seguindo o caminho da doutrina vedântica / Pude levar minha própria mensagem ao mundo, / A Palavra de Deus, que escutei dentro de mim." (*World Wheel*, Fifth Collection, CIX, 78).

⁶ Anotação no diário de 1925. O profundo apreço de Schuon, ao longo de toda sua vida, por Shânkara (788-820) e pela doutrina do não-dualismo (*advaita*) está demonstrado frequentemente em seus livros de metafísica, bem como em mais de cinquenta poemas didáticos que tratam do ilustre sábio hindu.

ter encontros não somente com o gênio francês (em contraposição ao alemão), mas também com pessoas de etnias árabes, indo-chinesas e negras. E lhe deu uma experiência humana concreta de suas respectivas religiões, com as quais ele já tinha familiaridade teórica.⁷ Como declara uma anotação de seu diário do ano de 1925: "Considero uma obrigação ética ter uma empatia afetuosa para com homens de outras raças."

Contudo, Schuon continuava a ansiar pela beleza e pela grandeza, e a sentir-se um estranho num meio que tentava extinguir sua "fé fervorosa numa vocação mais elevada".⁸ Em dois poemas tardios que se referem a esta época, ele descreve como o torvelinho e o sofrimento de sua juventude foram vencidos por ter ele se mantido enraizado no terreno inabalável da Verdade metafísica, algo que lhe era de evidência direta já quando bem novo e que determinara seu caráter essencial:

Em minha infância, meu ambiente
Não queria acreditar que o sagrado vivia em mim —
Que na criança que não se assemelhava a eles,
Estava entronizado algo da suprema Verdade.
Assim, queriam corromper o molde de minha alma —
Mas eu podia ouvir a fala de Deus.⁹

*

Em minha infância, tive de usar de dissimulação;
O mundo dos adultos não me entendia. Por quê?
Porque eu trazia em mim o cerne da sabedoria —
Para os outros, isso já era incômodo demais.

Eles não a queriam; eu então fingi ser tolo,
E fiquei doente. A Verdade, contudo, há de vencer —
O que Deus nos deu não pode sucumbir.

Os seguintes registros em seu diário, de 1923 e 1924, quando tinha quinze e dezesseis anos de idade, mostram algumas das reflexões de Schuon sobre a vida e os princípios supremos da realidade:

Eu aguardo meu renascimento interior.

⁷ Correspondência privada, 2007. Stoddart (1925 - 2023) foi durante muitos anos diretor-adjunto de *Studies in Comparative Religion*. Seu livro *Remembering in a World of Forgetting* [Lembrar-se num Mundo de Esquecimento] tem um capítulo sobre a vida e a mensagem de Schuon intitulado "Frithjof Schuon e a Escola Perennialista".

⁸ Anotação no diário de 1925.

⁹ *Songs without Names*, Twelfth Collection, XIX, 244. "O que sou, devo sê-lo. Teria gostado / De ser tão simples como os outros, / Mas Deus me deu a pesada carga de minha natureza / Junto com meu dever, e me disse: agora, segue o teu caminho. / E escreveu estas palavras na porta de meu coração: / Não temas, o Altíssimo está contigo". (*Songs without Names*, Eleventh Collection, XXXIII, 204).

O mundo passa. Por que desesperar diante da visão do Todo? Todo o meu objetivo deve ser plantar o ramo florescente na alma individual. Mas quão grande não é a infinitude da alma individual!

O verdadeiro conhecimento e a verdadeira virtude são uma única e mesma coisa.

Hoje vi um bando de corvos muito negros passar voando diante da Lua com grandes batidas de asas. A imagem me fascinou; eu só a tinha visto em gravuras japonesas. Gosto muito do céu cinzento com os galhos escuros com uma camada de gelo, gosto muito do fim do outono e do inverno, da fala muda da natureza que vai morrendo. Agora compreendo as paisagens de inverno chinesas e japonesas, com seus contrastes acentuados e as longínquas montanhas de contornos indistintos.

Vivencio agora a seriedade bela, calma e forte do ingresso na masculinidade adulta. Sinto, também, como meu "eu" é absorvido no "Tu"; a maior parte do tempo tenho a consciência de que não estou aqui como "eu", de que sou um olho impessoal no qual o transcurso do mundo se espelha.

Vi na cidade um negro que avançava com passos leves e oscilantes, as mãos à frente quase que como transmitindo uma bênção, a cabeça pendendo para trás, altiva; sua boca estava aberta num sorriso alegre, e ele cantava para si mesmo de forma leve e inocente. (...) Causou em mim uma impressão desconhecida e misteriosa.

Sofro pelo fato de que os que me circundam me forçam a negá-los. Perdoai-me, pessoas belas, se a taça amarga de minha negação aflige vosso coração. As cordas de minha harpa estão embaraçadas e rotas. O tempo passa sobre mim com passos cruéis; cada hora é uma roda que avança sobre minha alma.

Amo com uma paixão rara todas as pessoas boas, simples, de alma de criança, de uma ingenuidade que facilmente se ilude, que nada têm em si de maligno e fazem tudo com inocência, gentileza e amor.

Quando vejo um de meus companheiros de *design* indo e vindo, tenho a sensação de que ele é sufocado por todos os objetos e imagens mentais que diariamente o circundam. Sinto que essas pessoas aderem de forma chã, com toda sua alma, a suas imagens mentais, sem nenhuma liberdade de movimento e sem qualquer possibilidade de assumir uma atitude objetiva em relação a elas.

Cada sentença em nossa fala é um pedaço de vida de uma Verdade oniabrangente — um fragmento em direção ao qual dirigimos nossa atenção, e que perde parte de sua verdade por rompermos sua conexão com o Oniabrangente. O sentido de cada palavra vibra no infinito e torna-se inverídico quando a pronunciamos sem o infinito e o inapreensível com o qual ela está organicamente unida. Quando digo:

"Aquele que é perfeito é livre", eu silencie a verdade incontestável de que todos os seres só são livres em certa medida, mas, à parte isso, não são livres; que somente o Divino em seu estado eterno é perfeito, e ao mesmo tempo não perfeccionável, o aperfeiçoamento pressupõe um antecedente, que o Divino não pode ter.

Eu quase perco a razão ansiando pelo mundo da beleza humana. Tudo à minha volta é de um vazio e de uma aridez assustadores — eu me torno cada vez mais solitário. Eu amo o real, amo a expressão do humano que tenha sido intensa e amorosamente penetrada pela alma. Também entendi a bela mulher: sua graça é para mim o cálice da pura beleza do qual minha alma solitária bebe o rejuvenescimento.

Algumas vezes eu penso quão belo é ser uma criança e ser totalmente absorvido na fragrância da bela vida humana. Trago em mim um anseio por prados cheios de flores, o anseio do homem pelo feminino, no sentido mais amplo. Eu anseio por repouso, por beleza, por pureza, pelo sol. Já não tenho nenhuma paixão pelo sombrio e pelo atormentado. Só quero a Verdade e a Luz.

Chamo "iluminado" aquele que a todo momento se mantém diante de Deus. Ele é o tocadador de harpa; aquele que se aperfeiçoa é aquele cujas mãos se educam somente para tocar este instrumento.

O grande erro da cultura ocidental moderna é o de confundir as condições de vida com o sentido da vida e pressupor que elas lhe sejam o único conteúdo. O que fazem os estados modernos? Eles se dedicam ao comércio, à indústria e à política — não porque não possam viver sem eles, mas porque não sabem o que fazer com a vida.

Mais do que nunca, tenho certeza de que devo deixar a todos e a tudo e viver em solidão em meio a pessoas desconhecidas. Só desta maneira pode se produzir aquele renascimento interior pelo qual anseio e para o qual venho me preparando.



Schuon com sua avó materna, aprox. 1924.



Da esq. para a dir.: Frithjof, Margarete e Erich Schuon, 1923.

Extraído de *Frithjof Schuon, Mensageiro da Filosofia Perene*, de Michael Fitzgerald, publicado por Editora Stella Maris (Brasil), 2026. Todos os direitos reservados para World Wisdom Inc.